

A VIDA RURAL NA APÚLIA (1)

Os campos da Apúlia situam-se sobre a antiga plataforma marinha do Minho Litoral, entre os da Póvoa de Varzim, a sul, e a foz do Cávado, a norte. Na origem e nos tipos filiam-se tanto nos da Ribeira do Minho — campo-prado — como nos das áreas arenosas de colonização tardia do litoral do Noroeste, escavados nas dunas e fertilizados com plantas marinhas (sargaço) e caranguejos (pilado). A paisagem e a população traduzem uma comunhão estreita entre a terra e o mar, simbolizada pela figura adusta do apuliense no seu duplo labor de rural e sargaceiro (est. I, A): camponês, marítimo colhedor de algas, por vezes também pescador, o apuliense representa, pois, os colonos que tornaram areais pobres, incultos e despovoados até ao século XIX, em férteis campos hortícolas. A valorização foi mais precoce a sul, na Aguçadora, e estendeu-se sob o acréscimo da pressão demográfica agrícola e da capacidade de consumo das populações citadinas, cujo desenvolvimento se filia na urbanização regional e nos modernos transportes terrestres. Assim, a par das produções comuns à Ribeira do Minho e à alimentação caseira tradicional dos camponeses, figuram as de maior procura e de melhor valorização nos mercados urbanos (primores). No desenvolvimento da sua cultura interferiu a amenidade dos Invernos, a elevada humidade relativa da atmosfera durante o Verão, a natureza arenosa dos solos, a proximidade de

(1) Este estudo corresponde ao resumo de uma tese de licenciatura *Apúlia, Intima Comunhão entre a Terra e o Mar*, apresentada em 1969, na Faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa, pela autora.

importantes mercados urbanos consumidores e a técnica de escavamento dos campos das dunas, que permite a aproximação do plano de cultivo da toalha freática e cria condições microclimáticas favoráveis a plantas delicadas.

ORIGINALIDADE DAS CONDIÇÕES NATURAIS

Relevo e solos. — Os campos da Apúlia estendem-se na orla costeira de uma ampla plataforma, regular e suavemente inclinada para o oceano (fig. 1). Areias eólicas muito finas e depósitos de praia ocultam os xistos e quartzitos subjacentes, que só em reduzidíssima extensão afloram à superfície. Para além do cordão dunar, fixado por pinhal ou colonizado pela agricultura, estende-se uma vasta praia levantada, coberta de calhaus rolados (godes) que chegam a alcançar 30 cm de diâmetro.

Atrás da praia, uma estreita faixa de baldios (fig. 2) tem solos incipientes e desprovidos de horizonte de acumulação. A vegetação que os cobre é escassa. Desprezados pela agricultura por serem muito arenosos e secos, têm, no entanto, aptidão para o pinhal, cuja função mais importante é fixar as areias e proteger as culturas dos ventos mareiros (2).

Nas areias dunares mais interiores, a cultura e os fertilizantes criaram um horizonte superficial, enriquecido de matéria orgânica. Localmente existem podzóis, formados à custa da cobertura de pinheiro bravo; os hidromórficos são favoráveis à agricultura; nos não hidromórficos somente o pinhal consegue medrar, salvo se os seareiros, utilizando a técnica da «descoberta», procuram a toalha aquífera e os enriquecem com fertilizantes orgânicos. Com os anos de cultivo aumenta o azoto, o húmus e a matéria orgânica total e diminui o pH, que tende a estabilizar-se.

Quando do escavamento de campos nas dunas encontra-se a seguinte sucessão, de cima para baixo:

areias finas amareladas, de natureza eólica, que se tornam mais acinzentadas e lodosas na base;

(2) Outrora fornecia madeira para os barracos de abrigo. Ultimamente, os cortes têm apenas em vista a conquista de espaço para a construção civil. A resinagem deixou recentemente de se praticar, após falência da companhia exploradora.

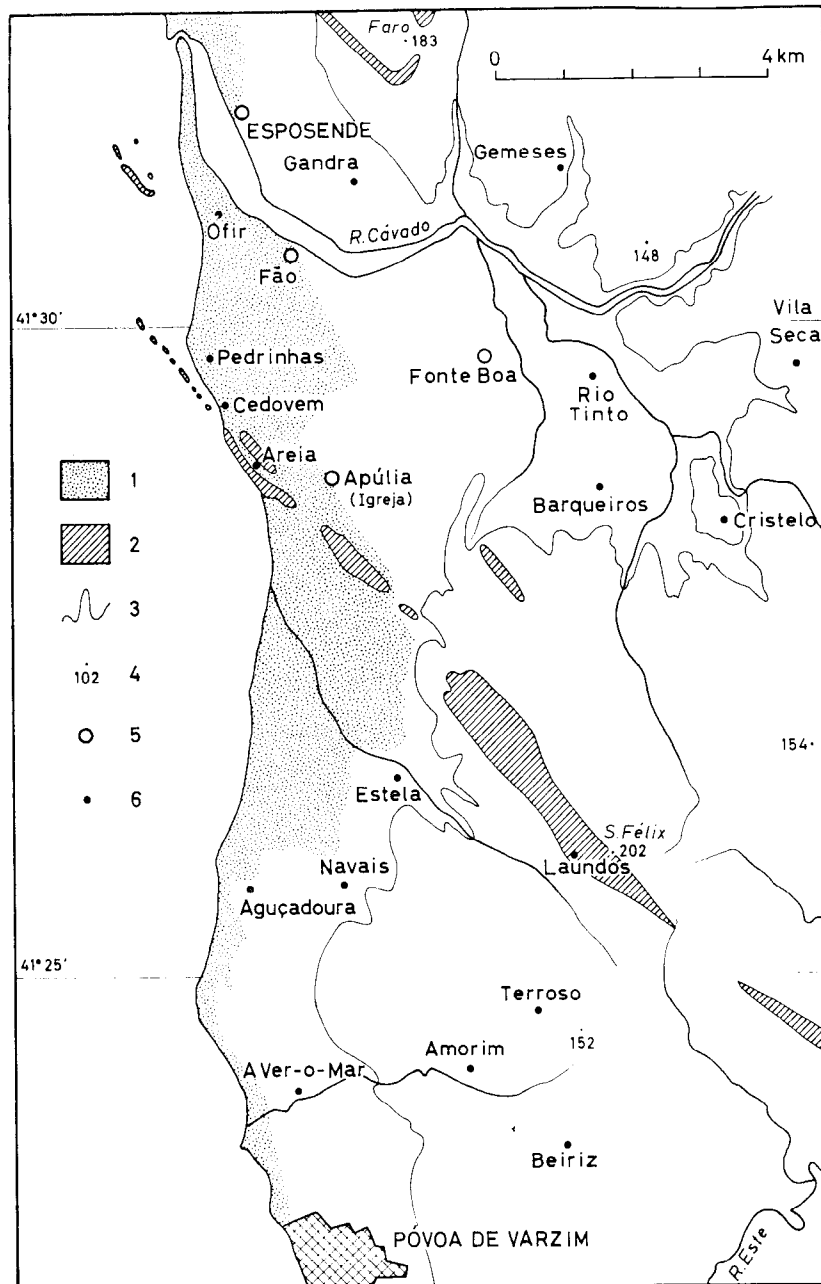


Fig. 1 — Situação da Apúlia: 1 — Areias dunares onde se abrem os campos descobertos; 2 — afloramento de quartzito ordovícico; 3 — curva de nível de 100 m; 4 — pontos cotados; 5 — aglomerações, sedes de freguesia; 6 — outros lugares povoados.

argilas encimadas por lodos turfosos mais ou menos arenosos;
 areias muito grosseiras, com calhaus rolados de dimensões variáveis, cimentadas por argila;
 argilas castanho-amareladas, provenientes da alteração dos xistos subjacentes.

A remoção das areias faz-se até se atingir uma cota próxima do nível piezométrico de estiagem, que se encontra quase sempre a menos de um metro de profundidade. Deste modo não é necessário, durante o Verão, recorrer à rega sistemática. Simultaneamente abrem-se vários sangradouros por onde, no Inverno, se escoam as águas excedentes. O lençol aquífero, alimentado principalmente pelas águas pluviais, está com efeito contido na série de calhaus rolados e areia e circula, ora sobre o substrato, de xisto ou de quartzito, ora sobre argilas resultantes da alteração dos xistos. Por vezes o campo assenta em «terreno roto», devido à ausência de um nível impermeável, o que faz que as águas de infiltração se percam através do quartzito. A irregularidade do substrato impermeável também impede a formação de uma toalha subterrânea regular e abundante.

Mais para o interior, a mancha de «terras pretas» (fig. 2) é superficialmente constituída por depósitos areno-pelíticos, de espessura variável. Os solos de perfil evolucionado são menos secos e muito mais ricos em húmus que os solos desenvolvidos sobre as areias dunares. Daí a sua cor escura e a sua muito maior fertilidade.

O clima. — Pequeno retalho do litoral aberto ao oceano, a Apúlia apresenta elevado grau de humidade e moderada temperatura. Uma atmosfera turva, que raras vezes deixa transparecer com nitidez a linha recortada do horizonte, envolve-a durante a maior parte ano. O Estio é breve como breve é a acção do anticiclone dos Açores. Os rosários de ciclones e as massas de ar húmido e instável do Atlântico, responsáveis pelas chuvas de Outono, de Inverno e da Primavera são largamente predominantes.

Apreciem-se alguns elementos climáticos correspondentes à próxima estação meteorológica de Póvoa de Varzim que,

infelizmente, funcionou só durante 7 anos, de 1957 a 1963 (fig. 3). A temperatura média anual é de 13°,8 e a amplitude anual de 8°,5. Quatro meses apresentam uma temperatura

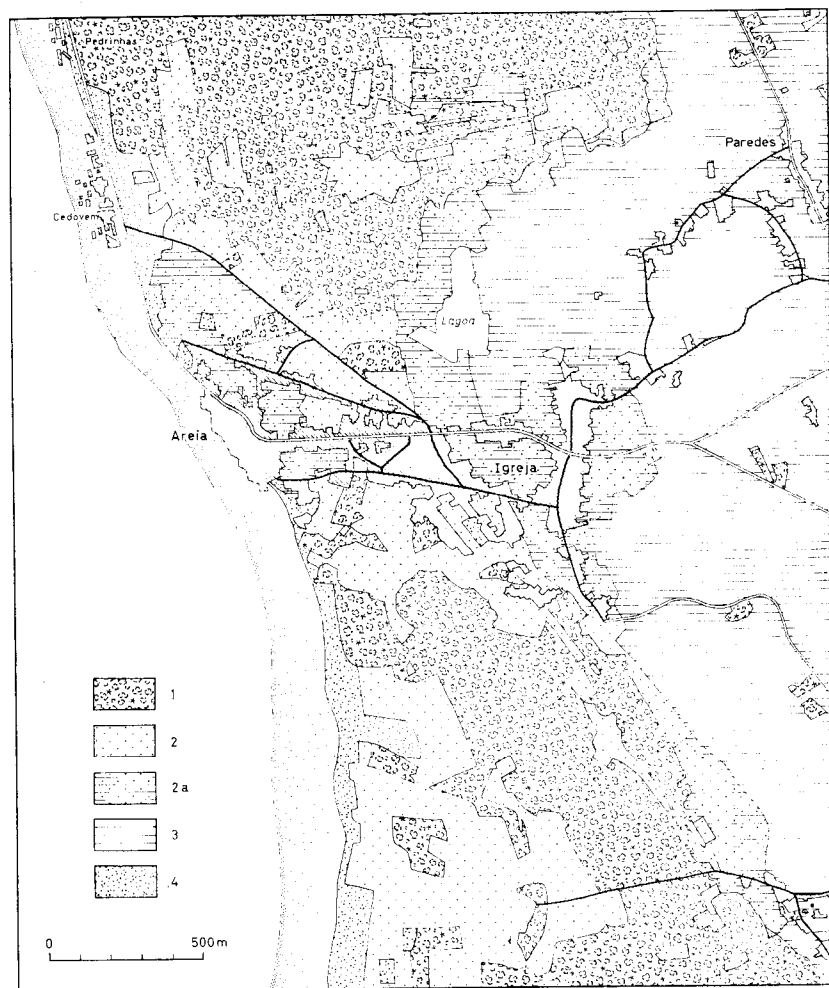


Fig. 2 — Tipos de campos e ocupação do solo: 1 — Pinhal; 2 — campos descobertos (em gamela) nas areias; 2a — campos em planura, nas areias; 3 — campos em planura na terra preta; 4 — baldios.

média superior a 17° (Junho, 17°,3; Julho 17°,8; Agosto, 17°,6; Setembro, 17°,1), dois uma temperatura média inferior a 10° (Dezembro, 9°,5; Janeiro, 9°,3). A média das temperaturas

máximas de Julho eleva-se porém a 23°,4 e a das temperaturas mínimas de Janeiro desce a 5°. Caem na região cerca de 1200 mm de precipitação (média de 1173 mm em 7 anos) em 130 dias. A estação seca estival é curta. Só três meses recebem uma média de menos de 40 mm (de Junho a Agosto). As chuvas registam-se sobretudo no Outono (de Outubro a Dezembro) e no princípio da Primavera (Março). Janeiro e Fevereiro apresentam um mínimo secundário, às vezes bem marcado.

A menor abundância das chuvas na quadra de Verão é compensada por um grau de humidade sempre elevado (média mensal mínima em Junho: 74 p. 100 às 9 horas, 70 p. 100 às 15 horas). Nas primeiras horas do dia, na atmosfera arrefecida, constituem-se no Verão nevoeiros cerrados e persistentes que, por vezes, só começam a dissipar-se a meio da tarde (fig. 3). Dias de calma absoluta ou de vento muito forte são raros. Dominam nitidamente os ventos do quadrante norte.

Este condicionalismo climático reflecte-se nas técnicas e nos temas da agricultura: são escassas as árvores de fruto, e são necessários cuidados particulares. Os nevoeiros favorecem o desenvolvimento vegetativo das plantas, em virtude de moderarem a temperatura e reduzirem os fenómenos de evaporação e transpiração, mas constituem uma ambiência favorável à difusão do oídio e do mildio, nas vinhas, e do piolho, nas couves e feijão. Os ventos obrigam à instalação do pinhal junto da faixa costeira e de sebes vivas ou mortas no limite dos campos. Estas não são porém constituídas por choupos, como é vulgar na paisagem minhota, que deixariam varar o sopro atlântico por entre os seus troncos, mas por cortinas espessas de loureiros e espinheiros ou por muros de pedra, onde o xisto se mistura com o quartzito. São as culturas hortícolas das areias que mais necessitam de protecção contra os ventos. Pitorescos caminhos surgem assim de onde a onde, através de densas sebes de mióporo. Nos campos escavados a protecção é maior. Aí se cria um microclima muito favorável ao desenvolvimento das plantas hortícolas; concentrando calor e permitindo uma elevada evaporação de água a partir da próxima toalha freática,

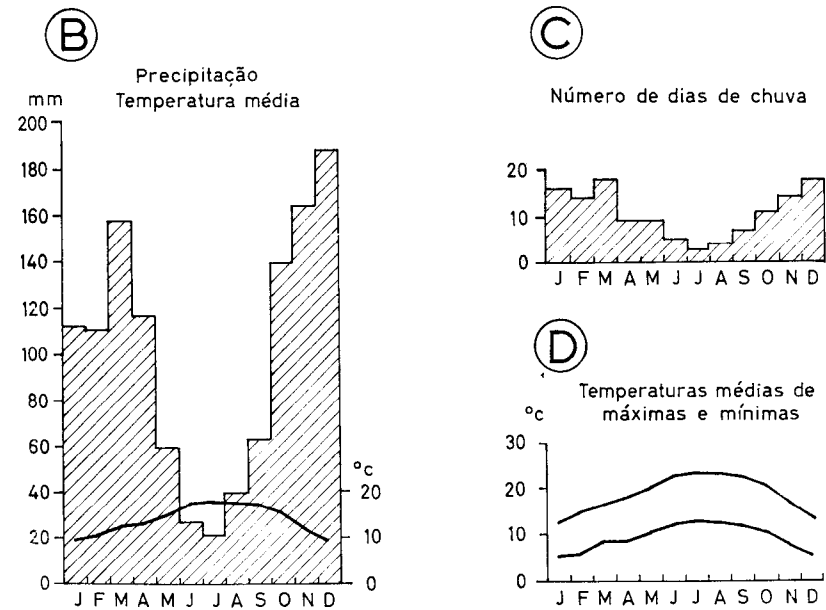
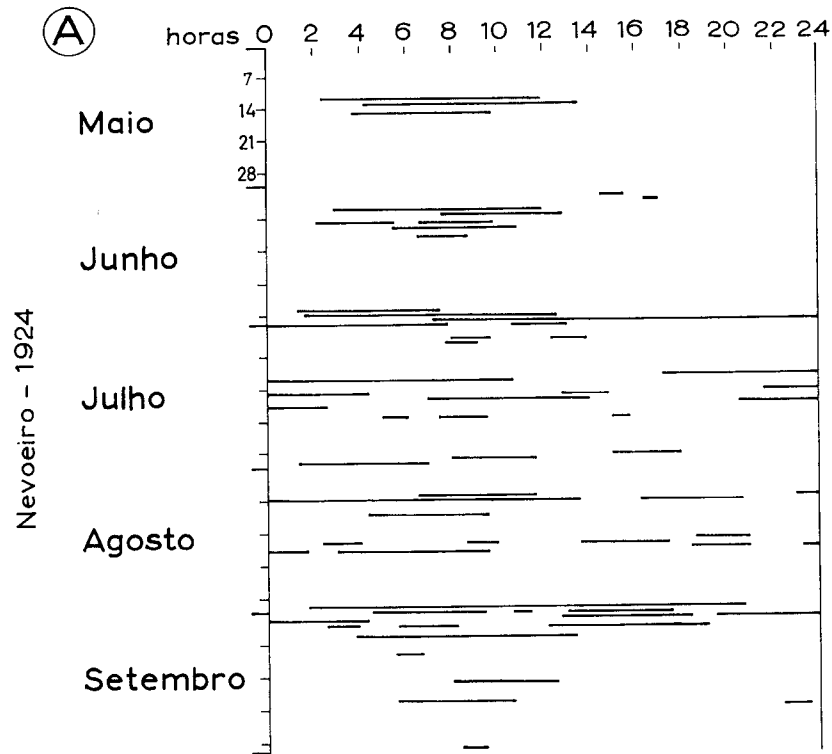


Fig. 3 — Aspectos climáticos regionais. A: Horas de nevoeiro durante os meses de Verão de 1924 na Póvoa de Varzim, segundo *Observações Meteorológicas*, vol. III, ano 1924, Ministério da Marinha, Lisboa, 1935. B, C e D: outros aspectos do clima da Póvoa de Varzim correspondentes aos anos 1957-1963, segundo os anuários do Serviço Meteorológico Nacional.

comportam-se como verdadeiras estufas. Observações feitas em 1968, num «campo em masseira», são registadas no quadro seguinte:

Horas de observação	25 de Fevereiro			4 de Março			29 de Abril		
	Dentro t	Fora t'	t-t'	Dentro t	Fora t'	t-t'	Dentro t	Fora t'	t-t'
10 h	12,7	10,5	2,2	12,6	10,4	2,2	14,9	12,8	2,1
14 h	14,9	12,9	2,0	15,9	14,1	1,8	16,7	14,7	2,0
17 h	13,4	11,3	2,1	14,9	12,2	2,7	16,3	14,1	2,2

Os fertilizantes marinhos. — A colonização agrícola regional desenvolveu-se em simbiose com o mar, que fornece fertilizantes diversos, nomeadamente sargaço. Assinalam-no os forais antigos que referem a sua aplicação em terras de cultivo vizinhas da Apúlia. Pelos de D. Dinis (1308) e de D. Manuel (1515) foi atribuída aos moradores da Póvoa de Varzim a extracção regional do «argaço». Uma provisão de D. João V (1742) solucionou, a favor dos lavradores, uma velha contenda entre estes e o governador da vila, o qual entendia pertencer-lhe os sargaços que o mar arrojava à praia frontal ao Castelo; por seu turno, os lavradores queriam que lhes fosse reconhecido o uso livre e comum das praias para pescarem e aproveitarem os sargaços de dia e de noite, como fora estabelecido no foral de D. Manuel. Mais tarde, numa postura municipal daquela vila, datada de 1861, «foi permitido o uso de barcos e jangadas no litoral das freguesias de Amorim e Beiriz no tempo não proibido, contanto que não invadam o das outras freguesias, sob pena de 5000 reis». Depreende-se que existia já, como actualmente sucede, um período de defeso na apanha do sargaço. Por outro lado, tais disposições legais e posturas camarárias, tendentes a regulamentar a colheita do «argaço» em freguesias vizinhas da Apúlia, mostram como o recurso e acesso aos fertilizantes marinhos constitui, desde longa data, problema vital para as populações desta área litoral.

Entre as diversas algas de que consta o «argaço», as mais frequentes no mar da Apúlia pertencem ao grupo das Feofíceas: bodelha, botelho bravo, cintas, cordas ou corriolas, folha de Maio e taborra. Com excepção da última espécie, que, por contar enorme quantidade de água, possui fraco poder fertilizante, todas as restantes constituem óptimo adubo para as terras. Menos abundantes são as algas vermelhas ou Rodofíceas, que se destinam sobretudo à indústria (ágar-ágar e plásticos).

A norte do Douro, e muito especialmente na área da Apúlia, a actividade sargaceira assume capital importância, dadas as circunstâncias de abundância e facilidade de colheita. Com efeito, a possibilidade de desenvolvimento e apanha de algas depende de um conjunto de factores: «... é necessário que a costa seja acessível e ao mesmo tempo franjada de penedia pouco submersa, onde as algas possam agarrar-se e medrar, mas de onde, ao mesmo tempo, o movimento das águas superficiais nos temporais e marés agitadas, logre arrancá-las... Além disso, é necessário que haja amplos areais ou espaço disponível para secagem e recolha de algas...»⁽³⁾. De facto, entre o Cávado e o Ave a costa é arenosa, mas existem, não longe dela, formações rochosas, pouco profundas, que não só favorecem a proliferação das algas como permitem o seu arranque pela agitação das vagas nos períodos de mar revolto ou de marés fortes. A pouca profundidade da costa permite ao sargaceiro apuliense aproveitar a maré baixa e colher as algas *in loco*, sobre os próprios rochedos.

Noutros tempos o corte e o arranque das algas limitavam-se aos meses de Agosto, Setembro e Outubro; eram, no entanto, permitidos de noite. Actualmente podem fazer-se todos os dias, do nascer ao pôr do sol, de 1 de Maio a 31 de Dezembro. Os restantes meses, que coincidem com a germinação e crescimento, constituem o período de defeso. Para o exercício desta actividade torna-se necessária uma licença

⁽³⁾ E. V. DE OLIVEIRA e F. GALHANO, «A apanha do sargaço no Norte de Portugal», in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XVI, fasc. 1-4, Porto, 1958.

anual passada pela Capitania de Esposende, cujo custo é de 21\$00, quando a apanha é feita «a pé» e de 169\$00, quando praticada «de bordo».

A quantidade de sargaço varia de ano para ano e, dentro do mesmo ano, conforme as épocas: em Maio saem quase sempre boas «mareadas». A azáfama pode arrastar-se até ao pôr do sol. Mansos bois de raça galega, com o garoto à soga, deixam a quietude dos currais e descem ao areal, arrastando, a passo cadenciado e lento, o típico carro de caniço de verga redonda, o mesmo que transporta a hortaliça para a feira das vilas próximas. O sargaço escorregadio e multiforme é despejado dos barcos para esses caniços que se dispersam por entre a babugem das ondas. Imagem perfeita de uma vida rural profundamente penetrada pelo oceano é este espectáculo impressionante e pleno de dinamismo, em que homens e mulheres, crianças e bois, mergulhados nas águas, se agitam e se cruzam, subindo e descendo, num incessante movimento de vaivém.

O sargaço é transportado nas carreolas para o areal e aí estendido em capa delgada para secarem (est. I, B). Em dois a três dias consegue-se uma redução de 60 p. 100 do peso. Seguidamente, a manta de sargaço é «empadelada» em pequenos montes, «padelos» ou rimas e por fim guardada nos barracos de abrigo, dispersos na lomba das dunas. ROCHA PEIXOTO⁽⁴⁾ considera estes como meras «dependências da casa de lavoura». Primitivamente tinham uma cobertura de duas águas, feita de palha de «borega» ou buraga, que descia até ao solo; esta foi muitas vezes substituída pela telha portuguesa, de canudo, mas as duas águas mantêm-se. Os barracos, onde também se recolhe o barco e os aprestos, diferem em pequenos pormenores de construção, mas são geralmente estreitos e alongados, só com porta e janela, e cingidos de todos os lados por tábuas dispostas ao alto, nascidas directamente do solo. Também os há de madeira e de pedra (blocos de xisto e quartzito grosseiramente sobrepostos) ou só de pedra.

⁽⁴⁾ «Os Palheiros do Litoral», *Portugália*, vol. I, fasc. 1, Porto, 1899.

Muito rico em cal, potassa, ácido fosfórico e azoto (⁵), o sargaço constitui um excelente adubo das areias, onde se emprega a maior parte das algas saídas do mar apulienese. Embora contenha sempre algum cloreto de sódio, este não prejudica as culturas, uma vez que é arrastado para as camadas inferiores pela acção deslavante das chuvas que são abundantes.

A actividade sargaceira tem diminuído nos últimos anos: o número oficial de sargaceiros passou de 396, em 1950, para 201 em 1968. A emigração e a divulgação dos adubos químicos estão na base deste facto.

Os lavradores apulienses foram também pescadores de pilado ou caranguejo, utilizado, conjuntamente, com o sargaço, em verde ou depois de seco, no enriquecimento dos campos. BALDAQUE DA SILVA testemunha a sua abundância em Cedovém e daqui até ao Douro, assim como para norte de Esposende até ao Lima (⁶). Na Apúlia existiam em 1935 80 companhias, cada uma formada por dois barcos e seis homens incluindo o arrais, para a colheita do precioso adubo, que enchia dezenas de barcos à vela, autênticas flotilhas que o transportavam para este local e regiões a norte (Marinhas, Castelo de Neiva e Viana do Castelo), onde era comercializado. Os impostos eram pesados. Orçavam em 19 p. 100 do preço corrente, então de cerca de 10\$00 o «gigo» (⁷). Durante dois ou três dias o caranguejo ficava a secar no areal e conservava-se durante um ano guardado nos barracos. Muito rico em cal, ácido fosfórico, potassa e azoto, excedia o sargaço em valor fertilizante. A apanha era permitida desde 1 de Agosto a 31 de Dezembro. A diminuição do período de defeso e a intensificação dos arrastos de malha apertada contribuíram para o seu desaparecimento e com ele o dos vínculos do oceano com o lavrador apulienese.

	Fresco	Seco
(⁵) Água	78 %	15 %
Azoto	0,35 %	0,94 %
Ácido fosfórico	0,35 %	0,89 %
Potassa	0,94 %	2,54 %
Cal	1,14 %	3,08 %

(⁶) BALDAQUE DA SILVA, *Estado Actual das Pescas em Portugal*, Lisboa, 1923.

(⁷) Cesto de verga com a capacidade de duas arrobas.

Os traços dominantes são dados pela fisionomia da superfície cultivada e pelo povoamento. No mapa de ocupação do solo (fig. 2) distinguem-se a área de cultivo, o pinhal e os baldios. A mancha arenosa (Areia), a poente, é separada da «terra preta», a nascente (Criaz e Paredes), por uma faixa de terra mista (⁸), de contornos complexos (Igreja). O pinheiro bravo, fixador das dunas, constitui uma extensa cortina a norte e a sul dos dois lugares mais litorais que, em vários pontos, é interrompida pela presença de campos. Na terra preta, onde o seu papel protector tem menor justificação, somente aparece em retalhos dispersos. Assim, ao passo que no concelho o pinhal ocupa 45 p. 100 da superfície total, na Apúlia predominam os campos.

Campos em planura e campos em gamela. — O contraste entre o litoral e o interior acentua-se quando consideramos a organização dos campos. Na «terra preta» predominam os campos fechados, de reduzida superfície, cingidos por sebes de espinheiro e de loureiro ou por muros de pedra. A topografia plana comunica-lhes uma acentuada regularidade; por isso, os denominamos *campos em planura*. Não são mais do que o *campo-prado* do Noroeste português. As parcelas ou leiras em que se fragmentam, quase sempre de forma geométrica, rectangulares ou em tiras muito alongadas, dispõem-se, de um modo geral, perpendicularmente aos caminhos que lhes dão serventia, e o seu índice de alongamento (razão entre o comprimento e a largura) assume valores bastante elevados (de 18 a 24). É ainda este tipo de campo que aparece nos lugares de Areia e Igreja, embora aos solos de cor escura, bem impregnados de húmus, se sucedam outros cada vez mais esbranquiçados e arenosos. Os campos destes, porém, são já diferentes. As sebes de loureiro e espinheiro são substituídas pelas de mióporo, espécie de porte arbustivo e folhagem muito densa («erva negra»). Com frequência são fechados por muros baixos de quartzito ou xisto, toscamente

(⁸) A faixa de terra mista está englobada, no mapa da ocupação do solo (fig. 2), na mancha de areias.

construídos, e por vedações de blocos de cimento e areia. A sua área, assim como o índice de alongamento das parcelas em que se fraccionam (de 10 a 12), têm valores mais baixos do que os anteriores.

Por entre os retalhos de pinhal é possível surpreender outro tipo de campos. O seu acesso faz-se por uma abertura que interrompe, na face voltada ao caminho, um dos medos artificiais que o cercam. A fisionomia destes campos exprime o processo mais típico da colonização das areias desta faixa litoral. Campos em *gamela*, *masseira* ou *tabuleiro*, como se designam na região, são termos bastante sugestivos que traduzem, com fidelidade, as suas formas mais perfeitas (est. II, A e II, B). O fundo escavado e plano, destinado à cultura hortícola, desenha quase sempre um quadrado ou rectângulo. Os lados, ocupados interiormente pela vinha, são medos a que se dá os nomes de *moios*, *valos* ou *valados*, e fazem com o fundo um ângulo próximo dos 120°. Os cimos são muitas vezes coroados por sebes de mióporo que acentuam o seu carácter fechado. O caniço e a cana vulgar são utilizados igualmente na construção de sebes. A proximidade do pinhal sugeriu porém outro tipo de vedação: sebes mortas de rama de pinheiro, fixadas em profusão entre fiadas de arame farpado que se dispõem paralelamente umas às outras, presas a pequenos esteios de pedra. Nem todos os «campos em gamela» possuem sebes nos seus valados, nem um mesmo campo está totalmente cingido por eles. Exceptuam-se os «moios» mais elevados ou abrigados do vento pela proximidade de um retalho de pinhal denso.

A «descoberta do terreno» tem por fim encontrar a camada propícia ao cultivo, isto é, a mais próxima da toalha freática, e também proteger as culturas contra os ventos. Constitui um dos trabalhos mais árduos e morosos a que o seareiro se entrega. A areia é desligada à enxada, numa área previamente delineada, e transportada em «gigos» de verga, à cabeça de mulheres, para o limite do campo. Se a camada sobreposta ao lençol aquífero é muito espessa, os «moios» edificadas com essa areia são bastante elevados, chegando por vezes a atingir 4 metros de altura.

Para assegurar o escoamento das águas excessivas, o «chão da gamela» é atravessado por valas, regos ou regueiras,

todas dirigidas ao sangradouro que lhes dá saída, através de um dos moios, para o exterior (est. II, B). Os sangradores, mais largos do que as regueiras, são no geral feitos de cimento e areia, tal como as barracas de arrecadação que se encontram junto à entrada do campo. Os índices de alongamento das leiras dos «campos em gamela» são pequenos (de 6 a 8) (est. II, A).

Na figura 2 está assinalada a distribuição dos três tipos de campos. A extensão dos típicos «campos em gamela» é superior à dos «campos em planura» na mancha arenosa. Estes últimos formam retalhos na proximidade da «terra preta», à excepção de uma pequena área junto da costa, onde a toalha freática, pouco profunda, evitou o rebaixamento da topografia das areias.

As principais culturas. Os primores. — Todo o campo da Apúlia está votado à policultura, mas entre os sistemas agrícolas das terras do litoral e das do interior existem contrastes evidentes.

Na «terra preta» instala-se o campo-prado onde se sucedem o cereal e o pasto. A vinha de enforcado está ausente; no entanto, emoldurando os terrenos de cultivo ou sombreando os caminhos, vêem-se a cada passo extensas ramadas. O milho ocupa um lugar de destaque pela vasta superfície que lhe é consagrada, e é seguido de longe pela batata. Semeado a lanço pelo mês de Maio, exige até à colheita, que se realiza em fins de Setembro, duas sachas, duas mondas e três regas. Estas fazem-se por meio de regos ocasionais, alimentados pela água que é elevada dos poços com o auxílio do motor. Entre o milho cultivam-se o feijão e as abóboras. Antes da colheita do cereal semeia-se o pasto que se desenvolve com as chuvas de Outono e Inverno. Embora a cultura de regadio seja a mais frequente, também se cultiva milho de sequeiro. É então semeado na Primavera e segado em meados do Estio. Os cereais de Inverno — centeio, trigo e aveia — ocupam as terras que não receberam pasto; semeados em fins de Novembro, são colhidos quando o milho já está nascido.

Nas areias, fazem-se fundamentalmente culturas mais delicadas e precoces. A batata, cenoura, cebola, hortaliça e demais culturas hortícolas retalham o «chão» em mosaicos

de variados tons, dando ao «campo em gamela» uma feição de horta: a cultura cerealífera tem aqui um papel marginal. Se bem que não tenha a intensidade cultural das regiões vizinhas a sul, pertencentes ao concelho da Póvoa de Varzim, alternam grande número de culturas, não havendo propriamente uma rotação. As sequências mais frequentes na «terra preta» são milho-pasto, milho-couve, milho-centeio e batata-couve, enquanto nas areias predominam as de batata-cenoura, batata-cebola e batata-cenoura e milho consociados: a primeira cultura a ocupar o terreno é quase sempre a batata e raramente a cenoura; na segunda produção destaca-se a cebola e, quase em igualdade, o milho, seguido pela cenoura e pela couve; a terceira produção, quando existe, é quase exclusivamente de cenoura e raramente de couve, mas é pouco vulgar o terreno levar três culturas no mesmo ano e uma grande área conserva-se devoluta. As sequências de maiores encargos em fertilizantes e em mão-de-obra são as de batata-batata-couve, batata-batata-cenoura e batata-cebola-cenoura. A batata é, com efeito, a cultura privilegiada das areias, não só pela maior quantidade de fertilizantes que se lhe destina como também pela extensão que ocupa (est. III, A). Por meados de Janeiro prepara-se o terreno. Proceda-se à lavoura, com enxada de lâmina larga, própria das areias, seguida das operações de «enregueirar» e «ancinhar», que consistem na abertura de regos para enxugo e no alisamento da superfície. Os fertilizantes (sargaço misturado com estrume) ⁽⁹⁾ que se colocaram no fundo dos regos de plantação são então cobertos por uma fina camada de terra sobre a qual se deposita a batata, ao compasso de 25-30 × 20-25 cm.

⁽⁹⁾ A criação de gado bovino está intimamente ligada à agricultura. Os vigorosos bois de raça galega são os animais de trabalho. Os bovinos leiteiros, sobretudo vacas turinas, mais numerosas em Criad, destinam-se quase exclusivamente à produção de leite. A sua criação entrou em franco declínio desde 1959; a atracção que o Brasil exerceu sobre algumas famílias explica o desinteresse por esta criação a partir do último decénio (268 cabeças em 1953 e 132 em 1968). Quase todos os lavradores e seareiros possuem 2 a 8 porcos criados à pia (440 em 1955). Sacrificados no Inverno, são consumidos no decurso do ano pelo agregado familiar. É quase a única carne que se utiliza na alimentação. Vendem-se, também, nas feiras de Barcelos e Vila do Conde e aos marchantes.

Esta prática tem por fim evitar que o tubérculo se «queime» ⁽¹⁰⁾ quando em contacto com as algas. Das culturas feitas em Maio saem os tubérculos destinados à multiplicação no ano seguinte. Por ser mais rendosa a produção, aplicam-se nas areias as batatas produzidas na «terra preta» e inversamente. Muitas vezes associa-se-lhe o milho e até algum feijão, em carreiras alternadas: três de batata para uma dos restantes. Nalguns casos, dois meses após a plantação, as mulheres lançam entre cada pé de batateira já crescida um grão de milho em «covinhas» que previamente abriram com um pau. As adubações com sulfato de amónio acompanham as duas sachas e mondas. A colheita realiza-se quatro meses após a plantação.

No Outono preparam-se os alfobres de cebola: até à transplantação, que se realiza em Abril, são frequentes as sachas, mondas e regas, estas praticadas a cabaço. Por meados de Agosto apanha-se a cebola que, depois de seca, se recolhe em molhos de 4 a 8 kg, nos barracos que lhe são destinados, feitos com palha de «borega» e abertos dos lados para permitir franco arejamento. A preparação dos alfobres de «coivão» (couve-penca), quando destinado a venda, faz-se todo o ano e, no caso de ser para uso próprio, essencialmente em Março. As épocas de plantação de couve para consumo são a Primavera, de Maio a Junho (hortaliça de Verão), e o Estio, de Julho a Agosto (hortaliça de Inverno). Nos «campos em gamela» a plantação da vinha é feita na base dos «moios», estendendo-se pelos taludes interiores da «masseira» sobre uma malha de arame presa a esteios de pedra com cerca de 30 cm de altura (est. II, B). A acção dos ventos marítimos prejudica-a e isso justifica o predomínio desta cultura nas «terras pretas». A produção de vinho na Apúlia (217 135 litros em 1968) não chega para o consumo, pelo que a população é obrigada a abastecer-se no concelho de Barcelos.

São as culturas de primores que desempenham o papel mais importante na economia da região. Os produtos horti-

⁽¹⁰⁾ Esta expressão popular traduz o efeito produzido na batata pelo fenómeno da fermentação, que conduz à mineralização da matéria orgânica das algas, operada por bactérias e fungos.

colas que o seareiro arranca dos areais da Apúlia são dos primeiros a abastecer os mercados minhotos (est. III, B). A maior variedade destas culturas é comercializada no Estio. As hortaliças (couve-penca, repolho e couve-flor), cujo período de ocupação do terreno é muito breve, são vendidas ao longo do ano; conhecem porém um surto comercial secundário mas importante no Inverno (hortaliças de Inverno). A comercialização destes produtos é feita nas feiras semanais de Necessidades, Famalicão, Barcelos e Vila do Conde. É ainda muito vulgar verem-se, muito antes do romper da alva, carros de caniço (est. IV, A) ou grupos de mulheres com o pequeno «gigo» à cabeça, a transbordar de hortaliça, percorrendo as estreitas veredas ou a longa estrada até às feiras semanais das vilas mais próximas (Necessidades e Barcelos). Graças ao estabelecimento de vias de acesso mais rápidas, são os proprietários de algumas camionetas de carga (4 particulares e 2 de aluguer) que asseguram quase todo o transporte, não só para os armazenistas do Porto e mercados desta cidade (Ribeira, Bolhão e Bom Sucesso) como também para as feiras das vilas regionais mais distantes (Vila do Conde e Famalicão). A venda é feita pelos interessados ou, caso mais frequente, por um intermediário. As batatas e cebolas são também exportadas para os portos do Norte da Europa, Brasil, Congo e Ultramar Português, através de uma firma comercial do Porto, em que o principal sócio é da Apúlia.

Nos meses de Julho, Agosto e Setembro, as lavradeiras expõem as hortaliças, colhidas nas suas leiras, aos banhistas, no «mercado de Verão», realizado no largo em frente da Igreja de Nossa Senhora da Guia, pagando à Junta da Freguesia 1\$00 por cada «gigo» (est. IV, B).

Predomínio da pequena propriedade, parcelada e dispersa. — A consulta, na Repartição de Finanças de Esposende, de cinco livros de matrizes permitiu-nos classificar os proprietários segundo os rendimentos colectáveis atribuídos aos prédios agrícolas e à superfície de pinhal de cada um. A preponderância do pequeno proprietário é manifesta: 82 p. 100 têm rendimento colectável anual inferior a 900\$00 e mais de metade do total não ultrapassa 300\$00; os médios proprie-

tários (900\$00 a 5000\$00) representam 17 p. 100 e os grandes (superior a 5000\$00) somente 0,7 p. 100. Se considerarmos as superfícies, salienta-se igualmente o predomínio do pequeno

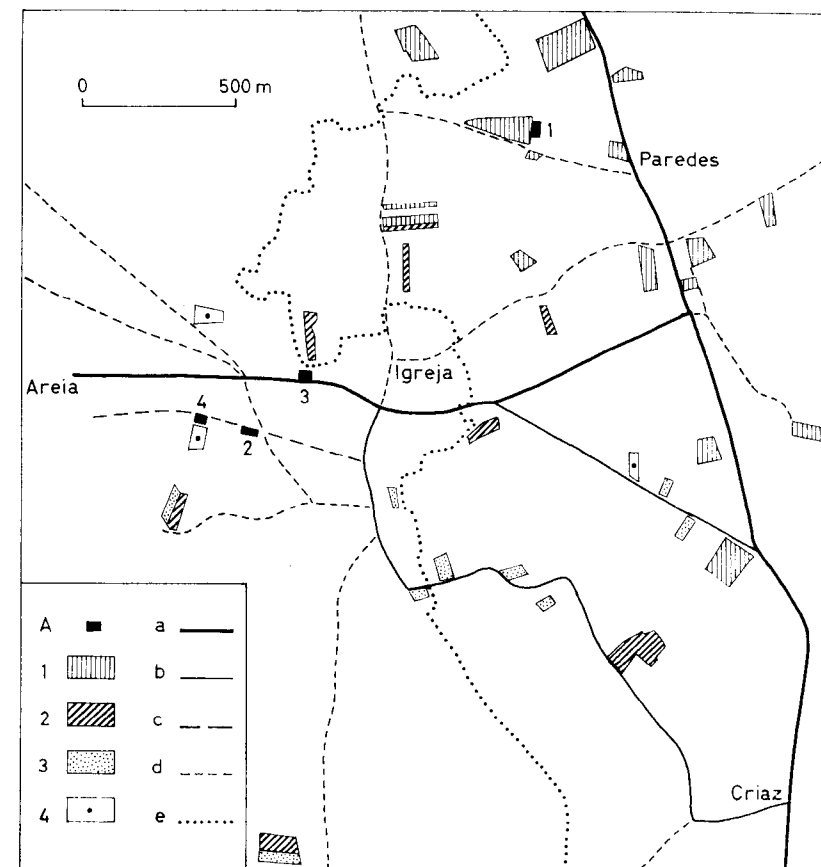


Fig. 4 — Exemplos de dispersão das parcelas de quatro explorações agrícolas. A, Sedes das diferentes explorações numeradas de 1 a 4; a, estradas de 5 m ou mais de faixa de rodagem; b, estradas com menos de 5 m; c, caminhos dando acesso a automóveis; d, caminhos carreteiros; e, limite entre terra de areia e terra preta.

proprietário: 72,5 p. 100 têm uma área inferior a 5000 m² e com propriedades superiores a 2 ha contam-se apenas 5,5 p. 100; a estes cabe mais de metade da superfície agrícola total e os primeiros repartem entre si somente 36 ha, dos

quais 0,8 estão nas mãos de 130 proprietários. É, pois, evidente a extrema fragmentação da propriedade. A maior propriedade agrícola tem 26,9 ha, ou seja, 4908 vezes a mais pequena, de 54,8 m². A frequência de proprietários de pinhal aumenta com as dimensões da propriedade agrícola; 523 dos 761 proprietários com área inferior a 5000 m² não têm pinhal. A apropriação do pinhal não é, no entanto, menos fragmentada: 77,8 p. 100 dos proprietários de pinhal possuem menos de 5000 m² e partilham entre si 49,9 ha. Destes, 2,1 ha estão repartidos por 86 proprietários. As maiores propriedades, de

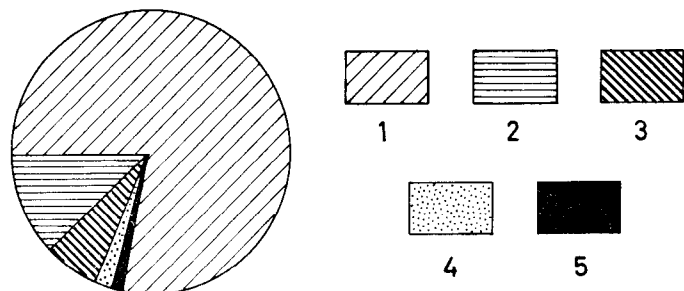


Fig. 5 — Residências dos proprietários da Apúlia. 1 — Freguesia da Apúlia; 2 — outras freguesias do concelho de Esposende; 3 — freguesias dos concelhos de Barcelos e da Póvoa de Varzim; 4 — no estrangeiro; 5 — no Porto, Braga e em Coimbra.

5 ha a 8,5 ha, estão nas mãos de 4 proprietários. Existem 43 proprietários de pinhal sem outros prédios agrícolas; a maioria reside fora (fig. 5), principalmente em Fonte Boa e Aguçadoura; é pois detentora de micropropriedades de pinhal, visto que poucas ultrapassam 5000 m².

A forte pressão demográfica e as partilhas sucessivas explicam a grande divisão da propriedade rústica e a estrutura social da Apúlia, terra de pequenos e modestos proprietários, terra de explorações familiares, terra de jornaleiros pouco numerosos.

A propriedade está também parcelada, de modo a dispersarem-se as culturas por todos os meios (fig. 4). A pouco menos de metade do número total de parcelas foi atribuído um rendimento colectável inferior a 75\$00 e apenas a 0,9 p. 100 superior a 1000\$00. A superfície da parcela maior é de 2,4 ha, ou seja, 437 vezes a da menor propriedade. Mais de metade

do número total de parcelas é inferior a 1000 m² e somente 2,3 p. 100 excedem 1 ha.

Sistemas de exploração dominantes: directa e de arrendamento. — Na Apúlia predomina a exploração directa: 72 p. 100 da área agricultada estão sujeitos a este regime e os restantes 28 p. 100 ao regime de arrendamento, que é hoje a única forma de exploração indirecta na Apúlia. O arrendamento é a curto prazo, geralmente anual e nunca de mais de dois anos; faz-se a 1 de Novembro por contrato oral e renova-se automaticamente. As rendas, pagas a 29 de Setembro, menos vezes em rasas de milho e arrobas de batata do que o seu equivalente em dinheiro, são calculadas pelo arrendatário de «través», isto é, por estimativa. Na altura em que realizámos este trabalho (Verão de 1969) oscilavam entre 1\$00 e 2\$00 o metro quadrado e eram consideradas elevadas em relação ao pequeno valor natural das terras. O arrendamento é, no geral, feito a familiares residentes noutras freguesias próximas, onde têm as suas propriedades em exploração directa, mas que, por motivos de distância, são obrigados a arrendar algumas parcelas que adquiriram, na Apúlia, por casamento ou herança. Também se faz a outros, emigrantes radicados no estrangeiro, sobretudo no Brasil e Venezuela. O regime misto, que engloba as duas formas precedentes de exploração, é pouco frequente. Cabem-lhe apenas 149 explorações (14 p. 100), sendo cada uma constituída por uma fracção explorada directamente pelo proprietário e por pequenas parcelas arrendadas. São 658 as propriedades em regime de exploração directa e 149 em regime misto, todas pertencendo a proprietários residentes na Apúlia, mas as 243 em regime de arrendamento dizem respeito a proprietários não residentes na freguesia: a maioria reside em Fonte Boa e Fão, do concelho de Esposende, e Aguçadoura e Barqueiros, dos concelhos de Póvoa de Varzim e Barcelos, respectivamente (fig. 5). Correspondem a uma troca de terras de cultura, aproximando as parcelas de cada exploração: proprietários de terras arrendadas pagam, por sua vez, rendas a outros.

Relacionando a estrutura fundiária com as formas de valorização, verifica-se que a exploração directa está pre-

sente em todas as classes de superfície da propriedade agrícola: 241 têm área inferior a 1000 m², 364 entre 1000 m² e 1 ha e 53 superior a 1 ha. Em arrendamento encontram-se, para as superfícies mencionadas, respectivamente 18 222 e 3 propriedades; as 149 em regime misto têm área superior a 1 ha. As propriedades em arrendamento nunca excedem os 2 ha. As maiores pertencem a proprietários que residem na Apúlia, particularmente nos lugares de Paredes e Criaz; exploram directamente as propriedades, mas arrendam as parcelas mais afastadas do centro de exploração.

Há uma forte correlação entre as formas de valorização e a dimensão das explorações e entre a estrutura fundiária e a dimensão das propriedades. O acentuado parcelamento da propriedade, já de si tão pequena, torna dificilmente rendíveis as diminutas unidades de exploração que a elevada densidade de população rural e agrícola não permite alargar: as terras postas à venda são escassas e as rendas, como dissemos atrás, são elevadas. O paralelismo entre estrutura fundiária e estrutura de exploração mantém-se. Por outro lado, conserva-se a dispersão das parcelas. Aliás, numa terra tão dividida, um emparcelamento oficial ou ao nível do cultivador não é fácil. Se o lavrador perspicaz reconhece, com razão, grandes vantagens na posse de exploração apoiada em terrenos de diferente aptidão agrícola, tendo em vista um melhor equilíbrio para o conjunto, não deixa, por outro lado, de lamentar a ausência de uma certa concentração, embora beneficiando dessa variedade de solos. É pois considerável o tempo perdido nas longas deslocações dos trabalhadores e do material, tanto do centro de exploração para os diferentes lotes de terreno como entre cada um destes. As numerosas servidões suscitadas pela existência de parcelas bloqueadas por outras que não pertencem ao mesmo proprietário, o trabalho improdutivo, o esforço que se poderia evitar e as despesas, tantas vezes não compensadas pelas colheitas, são motivo de descontentamento.

Modestos lucros na agricultura. — As explorações mais pequenas situam-se quase exclusivamente em areias, enquanto as outras associam os dois tipos de terreno, sendo evidente, nas maiores, o predomínio de «terra preta». As que reúnem areias e «terra preta» apresentam, sobre as outras, enormes vantagens: além de permitirem uma benéfica diversificação cultural e a manutenção de maior número de cabeças de gado, visto que não é usual a cultura de forraginosas nas areias, evitam a existência de períodos de inactividade forçada. Na «terra preta», o máximo da curva dos trabalhos agrícolas corresponde às sachas, regas, colheitas do milho e da batata e vindimas; nas areias, onde o contraste entre os períodos de maior e de menor faina agrícola é mais vigoroso, são essencialmente as batatas, hortaliças e cebolas que ocupam, nas suas plantações, sachas e colheitas, mais dias de trabalho.

Procurou-se elaborar o balanço económico de explorações agrícolas representativas. Nas despesas não foram considerados o trabalho dos membros da família, o juro do capital terra e as amortizações do capital investido, pelo que os balanços finais obtidos são óptimos. Entre as despesas sobressaem as referentes aos fertilizantes industriais. Só os «grandes» proprietários possuem bouças extensas e, portanto, têm possibilidade de dispor de volumosas quantidades de estrume de curral. Os outros, ou compram o mato a 250\$00 por carrada ou compram adubos. As despesas correspondentes a máquinas são bem pequenas, pois só o tractor é vulgarmente utilizado (o preço do aluguer é de 75\$00/hora) ⁽¹¹⁾. O auxílio que a mão-de-obra familiar presta ao empresário é extremamente importante. Nos casos estudados, a família

⁽¹¹⁾ Há cerca de 154 motores de rega, que são as máquinas mais comuns na Apúlia. Existe somente 1 tractor por 2 km² de superfície. Na «terra preta», a agricultura recorre em larga medida à tracção animal (arado, semeador, sachador); nas areias, mais fáceis de remexer, todo o trabalho é realizado à mão. Ao contrário do que sucede na Aguçadoura, onde a «descoberta do terreno» já se pratica com *bulldozer*, na Apúlia ainda se continua a utilizar a enxada e o «gigo» na remoção e transporte das areias.

de stabilité des régions arides.

representa 5,5, 3 e 4,5 UHT (unidades humanas de trabalho) ⁽¹²⁾.

As culturas que mais contribuem para o rendimento bruto variam consoante o valor da superfície que as areias ou «terra preta» representam na exploração. Nas monografias apresentadas, o maior proprietário produz, sobretudo, milho, vinho, cebola e batata; os outros, batata e cebola ⁽¹³⁾. Na criação de animais são os bovinos que importam. Os rendimentos agrícolas, que igualamos às diferenças entre os rendimentos brutos e os encargos reais das explorações, são bastante baixos. Descem ainda mais quando consideramos a amortização dos capitais correspondentes à «descoberta» dos campos, sempre vultosa. Um proprietário informou-nos que na abertura de um terreno, com 2200 m² e 2 m de profundidade média, gastou 12 500\$00 na descoberta (por empreitada) e 9000\$00 na construção do sangradouro e serventia, ou seja, no total 21 500\$00, que equivalem a cerca de 5\$00 por metro cúbico de areia retirada e 10\$00 por metro quadrado preparado para o cultivo. Da venda dos pinheiros apurou 20 200\$00; foi de 1300\$00 a importância que directamente despendeu (\$59 por metro quadrado).

A evolução demográfica. — A grande divisão da propriedade e a agricultura intensiva permitida pela abundância das chuvas e de fertilizantes naturais traduziram-se num povoamento denso ⁽¹⁴⁾ e disperso.

Primitivamente existiam três núcleos populacionais interiores: Igreja, Criad e Paredes; o lugar de Areia, vizinho do oceano, nasceu quando da colonização das areias e, embora mais recente, é hoje o mais povoado. No início do século XVIII ⁽¹⁵⁾ existiam na Apúlia cerca de 180 fogos; a maioria localizava-se no interior. Em 1900, o seu número

⁽¹²⁾ A redução a UHT foi feita considerando o trabalho do adulto correspondente a 1 UHT, o do adolescente a ½ UHT e o da criança a ¼ UHT.

⁽¹³⁾ O rendimento em escudos de cada cultura obteve-se multiplicando o volume de produção pelo preço de venda por grosso.

⁽¹⁴⁾ 3352 habitantes em 1968, ou seja 257 hab./km².

⁽¹⁵⁾ Segundo TEOTÔNIO DA FONSECA (*Esposende e o Seu Concelho*, 1936)

Grande proprietário (1)				Médio proprietário (2)		Pequeno proprietário (3)	
Parcelas cultivadas		Bouças		Parcelas cultivadas	Bouças	Parcelas cultivadas	
11 (a)	35 950 m ²	8	38 450 m ² (b)	4 (c)	4500 m ²	1	600 m ² (d)
						3 (e)	579 m ²
ENCARGOS							
<i>Materiais</i>							
Fertil. e correct.	17 900\$			9 400\$		5 720\$	
Sement. e plantas	900\$			700\$		540\$	
Alimentos de gado	2 800\$			1 300\$		1 260\$	
Carbur. e lubrif.	1 400\$			280\$		120\$	
<i>Trabalho</i>		23 000\$			11 680\$		7 640\$
Salários	9 500\$			1 200\$		—\$	
Encargos sociais	80\$			25\$		—\$	
<i>Outros encargos</i>		9 580\$			1 225\$		—\$
Cons. e rep. mat.	720\$			540\$		280\$	
Impostos fundiár.	2 350\$			778\$		690\$	
Impost. de explor.	65\$			21\$		18\$	
		3 135\$			1 339\$		988\$
		35 715\$			14 244\$		8 628\$
RENDIMENTOS							
<i>Produção vegetal</i>							
Milho	16 170\$			1 650\$		1 140\$	
Vinho	15 400\$			2 000\$		—\$	
Feijão	2 784\$			1 450\$		1 350\$	
Batata	4 600\$			3 800\$		1 850\$	
Cebola	6 402\$			4 250\$		1 870\$	
Cenoura	960\$			1 200\$		380\$	
Hortaliça	1 709\$			3 200\$		540\$	
<i>Animais</i>		48 025\$			17 550\$		7 130\$
Bovinos	12 743\$			1 200\$		980\$	
Ovinos	100\$			—\$		—\$	
Suínos	3 420\$			980\$		240\$	
Outros	2 581\$			240\$		130\$	
<i>Produtos animais</i>		18 844\$			2 420\$		1 350\$
Ovos	3 501\$			590\$		220\$	
Leite	5 284\$			1 120\$		1 030\$	
		8 785\$			1 710\$		1 250\$
		75 654\$			21 680\$		9 730\$
Encargos	35 715\$			14 244\$		8 628\$	
Rendimento líquido	39 939\$			7 436\$		1 102\$	

(1) Mão-de-obra assegurada largamente pela família (pai, 47 anos; mãe, 44; 4 filhos, de 22, 20, 19 e 12 anos).

(2) Trabalho assegurado, sobretudo, pela família (pai, 65 anos; mãe, 66; filha, 37; genro, 31; 2 netos, de 8 e 5 anos).

(3) Agregado familiar de 3 pessoas: pai, 72 anos; mãe, 65; neto, 25. (a) 7 na terra preta (de: 0,4 ha; 1,05; 0,45; 0,45; 0,24; 0,08; 0,21) e 4 nas areias (0,3 ha; 0,06; 0,15; 0,21).

(b) Superfícies: 0,15 ha; 0,35; 0,21; 0,13; 0,45; 0,12; 0,54; 0,1; 1,8.

(c) 3 nas areias (0,08 ha; 0,22 e 0,03); 1 na terra preta (0,12 ha).

(d) Superfície: 0,06 ha.

(e) Nas areias, com superfícies de 340, 180 e 59 m².

tinha duplicado, ao mesmo tempo que as casas iam avançando para junto da costa, e, no ano seguinte, era já o lugar de Areia que suplantava, em número de fogos, os outros mais interiores. Os maiores acréscimos anuais registaram-se no período de 1911 a 1940 (Areia 3,1 p. 100, Criaz 1,3 por 100, Paredes 0,6 p. 100 e Igreja 0,2 p. 100), não sendo possível

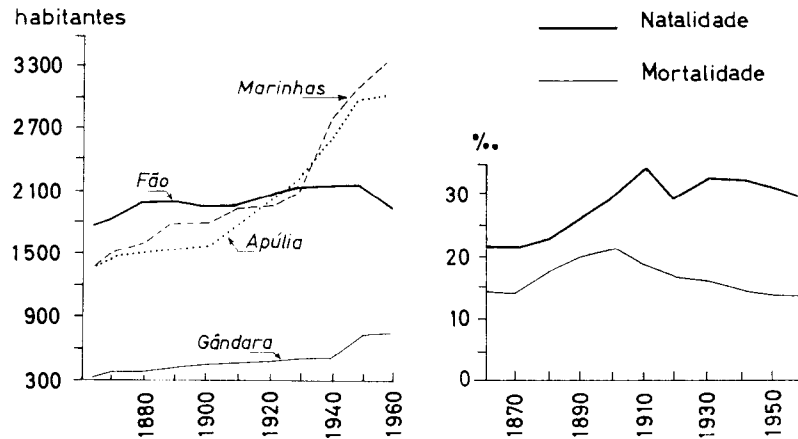


Fig. 6 — Evolução comparativa da população de quatro freguesias do concelho de Esposende (1864-1960). Evolução da natalidade e mortalidade na freguesia da Apúlia (1860-1960).

diferenciá-los pela falta de dados da população por lugares nos outros censos.

Para norte, na área baldia junto da estrada municipal que liga Apúlia a Fão, dispersam-se algumas habitações, que constituem os «sítios» de Cedovém (ou Cedo Bem) e Pedrinhas. Cedovém parece ligar-se à apanha de algas para venda, umas destinando-se à vizinha Aguçadoura, de colonização agrícola semelhante à da Apúlia, outras negociadas para a indústria: ela motivou, com efeito, a deslocação periódica de alguns seareiros e cabaneiros de Fonte Boa, Gandra e Rio Tinto que em Cedovém edificaram barracos para a sua recolha, depois habitados permanentemente.

A evolução demográfica durante os últimos cem anos (1864-1960) (fig. 6) apresenta um importante crescimento, que lembra o de outras freguesias do concelho — Marinhas, também situada no litoral, e Gandra, já no interior. As taxas

criaram a partir de 1930 (fig. 7), mas no decénio de 1950-1960 reduzem-se na Apúlia e tornam-se negativas em Fão, que aliás apresentou quase sempre uma demografia estagnada. A razão das populações de 1960 e 1864 exprime o crescimento: Apúlia, 2,1; Marinhas, 2,2; Fão, 1,07; Gandra, 2,1; concelho de Esposende, 1,7.

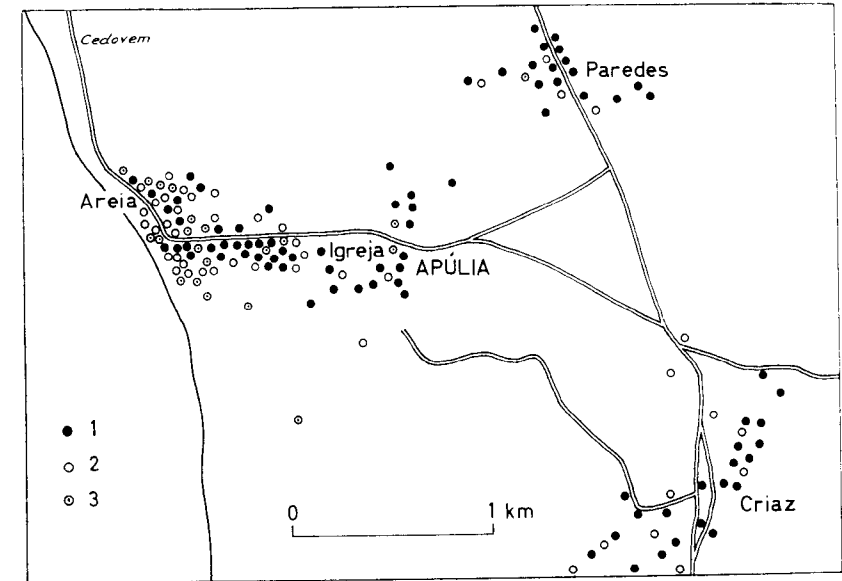


Fig. 7 — Variações locais da população de 1911 a 1940 e de 1940 a 1960. 1 — População em 1911: 20 habitantes; 2 — aumento de 1911 a 1940, de 20 habitantes; 3 — aumento de 1940-1960, de 20 habitantes.

Esta evolução explica-se pelo saldo fisiológico (fig. 6) e pelo êxodo rural, que se identifica quase totalmente com a emigração. Esta é na Apúlia relativamente recente, embora de Criaz tivessem partido, entre 1940 e 1960, alguns emigrantes para o Brasil, o que explica a diminuição do número de fogos deste lugar (fig. 7): — 0,1 p. 100 contra 1,7 p. 100 no lugar de Areia e 0,2 p. 100 no de Paredes e no de Igreja.

A emigração apuliense não põe problemas originais (fig. 8). O desenvolvimento recente verifica-se a partir de 1960, mas foi em 1965 que mudaram de posição os destinos predominantes: a França e não mais o Brasil, a julgar pelos números oficiais, que não abrangem a emigração clandestina,

importante nos anos anteriores ⁽¹⁰⁾. No Brasil, os Apulienses ocupam-se em diversas actividades: gerência de empresas comerciais e hoteleiras no Rio de Janeiro, assalariados em

nº de emigrantes

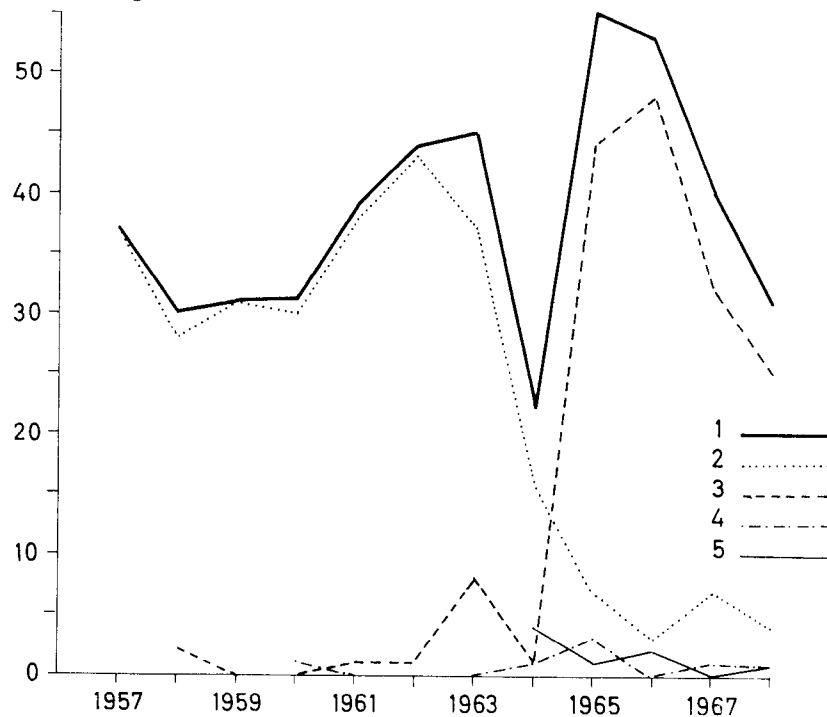


Fig. 8 — Evolução da emigração oficial da Apúlia (1957-1968), segundo os destinos. 1 — Total de emigrantes; 2 — para o Brasil; 3 — França; 4 — Canadá; 5 — Alemanha.

vários trabalhos e, os mais humildes, simples estivadores no porto de S. Paulo. Na Alemanha e em França empregam-se na construção civil; no Canadá, na indústria de curtumes, em fábricas de serração e nos caminhos-de-ferro.

⁽¹⁰⁾ A partir de 1957, da população que deixou oficialmente o concelho de Esposende com destino ao Brasil, Canadá e Alemanha, 40,4 p. 100, 38,8 p. 100 e 30,7 p. 100, respectivamente, saíram da Apúlia. Das demais freguesias saiu muita gente para França, mas esta apenas contribuiu com 11,1 p. 100.

As estruturas etárias actuais são marcadas pela emigração e já o eram antes (fig. 9), embora temporariamente, e sobretudo nas suas classes activas masculinas. Deve-se porém à emigração uma grande parte do desenvolvimento económico da Apúlia, sustentado pelo aluguer, a verancantes,

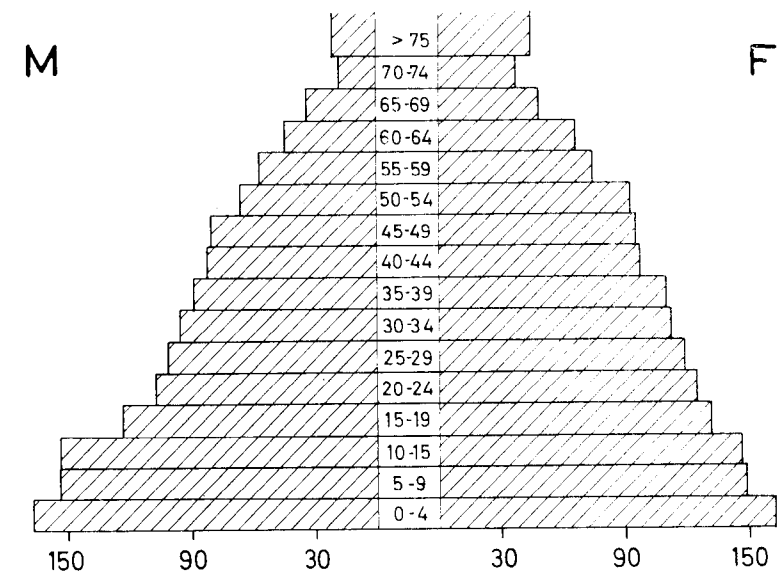


Fig. 9 — Composição etária da população da Apúlia em 1960, que reflecte a emigração masculina anterior ao último decénio.

de casas construídas com ganhos economizados no estrangeiro, nomeadamente em França. Esta colocação não cria riqueza, mas permite manter novas e melhores condições de vida: traduz-se numa diversificação das ocupações, pela construção civil e pelo comércio.

A expansão do veraneio. — O veraneio é já bastante antigo. A partir do segundo quartel do século passado, algumas famílias de Barcelos, Braga e Porto fizeram edificar na Apúlia sólidas moradias, onde viviam durante algumas semanas do Estio. Tratava-se essencialmente de uma clientela de nível social médio que se deslocava em *charrettes*, tendo na véspera enviado em carros de bois elementos do mobiliário e malas com louças e roupas. Gente das freguesias próximas vinha

também passar um dia ou outro à beira-mar. De início era, pois, um veraneio difuso e divorciado da vida local.

A colonização das areias e o conseqüente avanço do povoamento para o litoral levam o seareiro a beneficiar deste movimento, quer pela venda das hortaliças colhidas no «campo em masseira», quer pelo arrendamento da sua humilde casita durante os meses de Verão. Mudava-se durante esse período para os barracos, ou, quando alugava também estes, para o coberto anexo à casa ou então para o «teatro» (sótão).

Nos últimos 30 anos, com a melhoria de vias de acesso, a frequência de veraneantes aumentou, e estes começaram a assumir uma maior importância económica para os Apulienses. Actualmente, durante a quadra, a população do lugar de Areia quase duplica: esta duplicação reflecte-se em grandes consumos estacionais de pão e de botijas de gás, por exemplo, que nos meses de Verão igualam quatro vezes os valores médios mensais da restante parte do ano, já que a população residente nem sempre é compradora. A evolução do número de barracas que se instalam na praia exprime também o aumento progressivo da clientela: 96 em 1955, 448 em 1968. Ela suscitou, por outro lado, o pedido à Câmara de Esposende, durante 1963-1968, de 105 licenças de construção de prédios na Apúlia.

Com o sol quente de Julho e as férias escolares, a praia começa a animar-se com a chegada de camionetas e automóveis, numa agitação constante, despejando, ao longo da estrada empedrada e pelos caminhos arenosos que dela irradiam, mobílias e banhistas que, de repente, transfiguram esta pacata povoação, dando-lhe vida, cor e dinamismo. Ao silêncio, até aí apenas cortado pelo mugir das vacas e o chiar dolente dos carros no areal, sucede-se agora o buzinar ensurdecedor dos veículos, os gritos estríduos das crianças e o linguajar confuso da gente que chega, movimentando-se numa roda-viva, em ar festivo, como a assinalar o momento exacto de uma arribação humana. Enchem-se as ruas de vultos multiformes e o ar de álares sonoridades que dão aos dois lugares do litoral a nota efervescente de uma transformação temporária, a que os do interior ficaram alheios e, portanto, entregues todo o ano unicamente ao ritmo monótono da vida campesina.

São poucos os estrangeiros — franceses, ingleses e alemães — que demandam esta praia. Em 1966, ano em que a sua afluência foi maior, apenas 16 famílias se instalaram, durante o Estio, na pensão, em 2 casas particulares e em 8 residências secundárias. A Apúlia continua como praia de clientela essencialmente regional, o que não impede que encantadoras e luxuosas moradias salpiquem os retalhos de pinhal que a separam de Ofir (est. V, B).

A expansão do veraneio traduz-se na paisagem. Sacrificaram-se muitos barracos, substituídos por blocos de cimento com um ou dois andares⁽¹⁷⁾ (fig. 10 e 11). Porém, em Cedovém e Pedrinhas, a maioria dos de pedra foi primorosamente adaptada a habitações de veraneio, que ostentam a traça arquitectónica primitiva. O mesmo sucedeu com os cinco moinhos

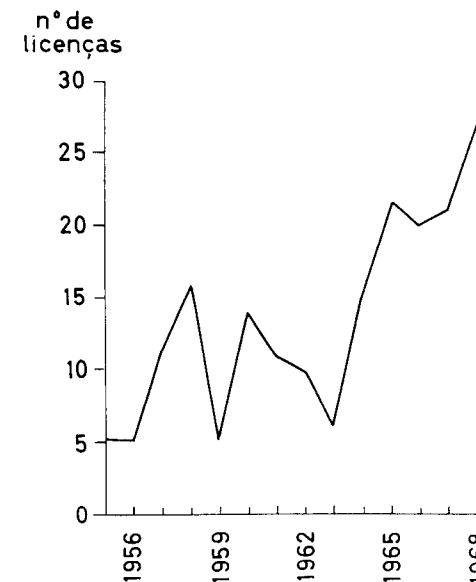


Fig. 10 — Evolução recente da construção civil da Apúlia, segundo o número de licenças de obras.

de vento que, elevando-se das dunas pelo lado norte da praia de banhos, conservam, com graciosidade, a cobertura de colmo e as armações cruciformes das velas (est. V, A).

Paralelamente, as infra-estruturas e os equipamentos sociais mereceram um pouco de atenção: melhoraram-se as

(17) Apesar das disposições camarárias não consentirem neles qualquer restauro, com vista à sua aniquilação completa, alguns, mesmo arruinados, continuam a servir para guardar sargaço e até para habitação, testemunhando uma já enfraquecida economia agro-marítima. Dado que a sua próxima extinção levanta problemas de recolha do fertilizante marinho, pensa-se no regresso ao antigo sistema de empilhamento rematado pelo clássico cone de palha.

vias de comunicação, construiu-se um muro de defesa na praia de banhos (1936), estendeu-se a electrificação e o fornecimento de água potável, criou-se um clube recreativo (1950) e, em 1968, foi inaugurada mais uma colónia balnear que recebe quinzenalmente, durante o Verão, cerca de 140 crianças, filhas de funcionários públicos. Outra existe desde 1952, com capacidade para 32 crianças. O Plano de Urba-

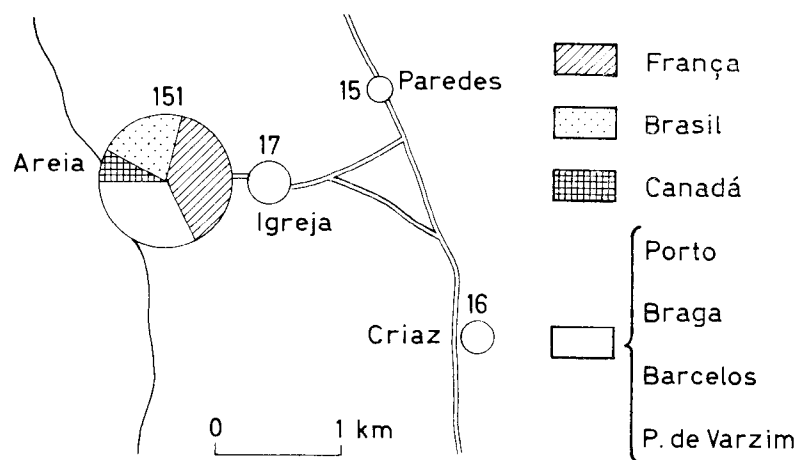


Fig. 11 -- Origens das iniciativas da construção civil dos diversos locais, segundo as residências dos proprietários.

nização prevê a construção de um restaurante sobre o mar e de uma avenida marginal, junto da praia, que ligará Apúlia e Fão, prolongando-se para sul, pela Aguçadoura, até à Póvoa de Varzim.

São porém apenas os lugares do litoral que beneficiam destes melhoramentos. Em Criaz e Paredes continua a beber-se água dos poços, a ceiar-se à luz da candeia e, no Inverno, o carteiro a muito custo consegue, pelos caminhos enlameados, fazer chegar a correspondência ao seu destino. Os lavradores desconhecem os rendimentos dos alugueres de casas na época balnear e muito raramente vêm vender aos veraneantes os produtos da terra.

O desenvolvimento do veraneio traduz-se, por outro lado, na actividade comercial, particularmente no que respeita a víveres. O seareiro abastece os banhistas em hortaliças, leite e ovos. Dois talhos, os únicos que existem, abrem apenas

durante o Verão. O pescado saído na Apúlia é insuficiente e pouco variado. Por isso, Póvoa de Varzim, Matosinhos e Porto são os seus grandes centros fornecedores de peixe e ainda de fruta e de outros produtos alimentares e bebidas (conservas, mariscos e refrigerantes).

A interferência do turismo nos modos de vida local é porém apenas incipiente. Ela faz-se sentir nas profissões indirectamente ligadas à construção civil, como seja no número de carpinteiros: existem na Apúlia 2 carpintarias com 17 artífices, 12 residentes na Apúlia, 3 em Fonte Boa e 2 nas Necessidades. Trabalham por encomenda para os mestres-de-obras, a quem fornecem portas e caixilhos. Estes são em número de 5, dos quais 3 vivem na Apúlia, um desde 1959 e os dois restantes a partir de 1965. Existem também 2 fabriquetas, uma de anilhas para forrar poços, outra de tijolos de cimento, usados na construção de muros, barracas para recolha de utensilagem agrícola e casas modernas. E ainda 11 lojas de retalho, entre elas uma casa que negocia em fazendas adquiridas na Covilhã, Guimarães e Braga e em sapatos fabricados em S. João da Madeira, embora a população prefira abastecer-se em vestuário e calçado nas feiras de Barcelos e Esposende; 3 armazéns de adubos químicos instalados há meia dúzia de anos, 3 cafés, o primeiro dos quais abriu em 1951, 1 droguaria, 2 padarias, 1 farmácia e 1 barbearia.

No entanto, a Apúlia oferece actualmente muito poucas possibilidades de alojamento, que se limitam a uma pensão modesta, com pouco mais de uma dezena de quartos, de forma alguma comparáveis às de Fão e da Póvoa de Varzim. Também os seus acessos são deficientes. O caminho-de-ferro não a serve e as carreiras de camioneta, mais numerosas na época balnear, são de pequeno percurso (Porto e Viana do Castelo). A Póvoa, tradicional estância de veraneio, permanece um centro misto, burguês e popular, como nos diz o elevado número de pensões. Fão, de desenvolvimento turístico recente, pois em 1940 ainda não existiam hotéis nem pensões, conheceu um surto brusco entre 1960 e 1968, como centro de luxo: o aumento dos hotéis fez quase quadruplicar a capacidade de alojamento nestes oito anos. São estes centros

que polarizam todos os investimentos volumosos de capitais com fins turísticos que se verificam na região.

As perspectivas da agricultura. — A maioria das explorações agrícolas apulienses não alcança a «dimensão mínima rendível» ⁽¹⁸⁾, aquela que por definição assegura a cada unidade de trabalho humano remunerações globais equivalentes aos salários de um operário industrial ou de um empregado urbano. Por isso, em parte, o cultivador da Apúlia se deixou atrair pelas perspectivas do êxodo, nomeadamente pelas da emigração. Esta possibilitou-lhe, com frequência, uma sensível melhoria do nível de vida e a ascensão social dos filhos, quase sempre através da instrução. As economias de origem extra-regional são canalizadas para a Apúlia, mas não para o sector agrícola: o aluguer aos veraneantes das casas, com elas construídas, cobre a maior parte das despesas familiares do ano inteiro. Em 1968, as rendas durante o Verão oscilavam entre 3 e 7 contos por mês e o custo das construções entre 200 e 600 contos. A agricultura não deixou porém de ocupar os dias dos que ficam: durante a ausência dos emigrantes, quase sempre temporária, a terra é cultivada, embora no geral menos intensivamente, pelos familiares que permanecem na Apúlia.

Vários projectos de desenvolvimento agrícola foram entretanto formulados. À Junta de Colonização Interna devem-se os de secagem da lagoa, cuja superfície se estende por 6 ha, alargamento dos campos muito parcelados que a circundam, criação de cortinas de pinhal junto do litoral, reserva de baldios costeiros não susceptíveis de cultivo, dada a profundidade da toalha freática, mas que servirão de campo de secagem de sargaço, organização da drenagem dos campos descobertos ⁽¹⁹⁾, regulamentação das profundidades de esca-

⁽¹⁸⁾ Calculada em 1 ha, nas explorações que englobam «areias» e «terra preta», em 1,5 ha nas constituídas unicamente por «areias», por MANUEL GARCIA REIS MOREIRA, *Aguçadoura, Estudo Económico-Agrícola*, Junta de Colonização Interna, Lisboa, 1944.

⁽¹⁹⁾ Através da construção de um colector geral que, seguindo junto ao mar, desde Aguçadoura até ao Cávado, passaria pela Apúlia e Fão, para receber o excesso das águas de Inverno dos «campos descobertos» através de colectores secundários.

vamento destes ⁽²⁰⁾, intensificação dos sistemas agrícolas. O seu alcance é porém limitado, como limitadas são as bases da produção agrícola regional: a população é abundante mas de nível técnico baixo; o valor agrícola dos solos depende da toalha freática e dos fertilizantes naturais, aquela sensível à sua exploração intensiva e estes de recolha demasiado trabalhosa, logo incapaz de reter as novas gerações com outros horizontes de trabalho; a propriedade é extremamente dividida, o que limita o alcance de um emparcelamento jurídico ⁽²¹⁾; os pequenos campos em gamela incompatíveis com a utilização de máquinas, salvo das pequenas e se utilizadas cooperativamente. Para já, os melhores rendimentos continuam a ser permitidos pelas culturas hortícolas, nomeadamente pelas dos campos em gamela, valorizadas pela sua precocidade. Mas entretanto verifica-se a concorrência do veraneio na ocupação do solo: no período de Junho-Outubro de 1968, a terra para cultivo orçava em 15\$00/m² e para construção em 200\$00/m², pelo que o sentido da resultante parece não deixar dúvidas. Os emigrantes adquirem muitas vezes, por compra, alguns campos situados na área mais litoral, mas essencialmente com o fim de fazerem construir moradias de veraneio. O lugar da Areia exemplifica a evolução, pelo desaparecimento recente de muitos dos seus campos descobertos. Nos últimos 13 anos, 58, 32, 9 e 5 das 151 casas aqui edificadas devem-se a apulienses retornados de França, Brasil, Canadá e Alemanha, respectivamente, e apenas 46 (30 p. 100) a gente de fora, principalmente de Barcelos, Braga, Guimarães, Famalicão e Porto (fig. 11).

Parece portanto lógico admitir para a Apúlia, nos próximos anos, a continuação da expansão de um turismo difuso, concorrente com a agricultura na medida em que permite a

⁽²⁰⁾ Por vezes, há necessidade de proceder ao rebaixamento dos campos devido à descida do nível da toalha freática, provocada pela abertura de campos contíguos. Uma medida de prevenção dos vizinhos é a de assinarem escrituras em que se comprometem a não aprofundar os terrenos sem prévio acordo.

⁽²¹⁾ O emparcelamento, além de ser muito difícil, pelo elevado número de proprietários a contentar, apenas atenuaria a dispersão. A dimensão dos prédios restantes, como se adivinha pela divisão da propriedade, não permitiria, na maior parte dos casos, o funcionamento de explorações viáveis.

valorização dos terrenos de implantação das vivendas e dos seus parques, mas também solidário com ela por créer marchés para os seus produtos, e com a população agrícola por permettre la création de professions différentes, a que correspondem muitas vezes apenas rémunérations complémentaires — construction civile, commerce e assistência doméstica. Enquanto a expansão do turismo se traduz em densidades baixas de ocupação do espaço, mantêm-se as expressões típicas das paisagens agrícolas do littoral, largement dépendentes dos campos em gamela. Com o tempo, porém, a Apúlia virá provavelmente a ser abrangida na área urbanizada a partir de Fão e da Póvoa de Varzim, dela distantes apenas 4 e 11,5 km, desaparecendo então talvez, por completo, os campos descobertos.

MARIA DA CONCEIÇÃO FARIA E MATOS

RÉSUMÉ

La vie rurale à Apúlia. Les champs d'Apúlia sont situés sur l'ancienne plate-forme d'abrasion marine du Minho littoral entre Póvoa de Varzim, au Sud, et l'embouchure du Cávado, au Nord. En ce qui concerne leur origine et leurs types, les uns s'apparentent à ceux des vallées du Minho «*Campo-Prado*», les autres à ceux des régions sableuses de colonisation tardive du littoral du Nord-Ouest qui sont excavés dans les dunes et fertilisés par des apports d'algues et de crabes broyés. Ces derniers sont liés non seulement à la topographie, la nature sableuse des sols, la douceur des hivers, l'humidité relative élevée de l'air et l'abondance des algues, mais ils s'expliquent aussi par la croissance de la population et la proximité de marchés urbains consommateurs de primeurs. Ces cultures délicates sont réalisées dans des champs creusés dans les dunes jusqu'à proximité de la nappe phréatique et qui jouissent en conséquence d'un microclimat favorable. Des types différents de paysages agraires se sont développés sur les terres sableuses et sur les terres noires. Sur ces dernières (et sur une partie des dunes) s'étendent les «champs plats», entourés de haies d'arbustes ou de murs de pierres, aux formes géométriques caractérisées par une valeur élevée de l'indice d'allongement. Sur ces dunes, les champs «en gamelle» présentent aussi des formes géométriques avec des indices d'allongement réduits.

Sur les terres noires, le maïs associé aux haricots et à la citrouille constitue la culture dominante en alternance avec les prés. Les terres sableuses portent des cultures maraîchères: pomme de terre, carottes, oignons, choux, etc. Cependant, c'est aux pommes de terre qu'est réservé presque tout l'engrais marin. Elles constituent, avec les oignons, les

principales exportations agricoles de la région. Pourtant, en été, une grande variété de primeurs est offerte aussi bien sur le marché d'Apúlia que sur les foires hebdomadaires des bourgs les plus proches. Les légumes sont transportés à dos d'homme, en chars à bœufs et, de façon plus moderne, par camion.

L'intensification de ce système de culture s'appuie sur l'exploitation familiale de petites propriétés très morcelées, ce qui n'exclut pas néanmoins le faire valoir indirect de certaines parcelles dont les propriétaires ont émigré à la ville, à l'étranger ou tout simplement habitent trop loin. Le rendement annuel est souvent déficitaire ou si modeste qu'il est incapable de fixer une population croissante: fait général dans tout le Minho, surtout depuis l'ouverture récente des marchés du travail français et allemand. Autrefois, l'émigration de la région d'Apúlia était dirigée surtout vers le Brésil.

C'est aux émigrants que se doit en grande partie le développement économique d'Apúlia. Ils louent aux vacanciers, en été, des maisons construites avec les économies faites à l'étranger. En fait émigration moderne et développement touristique sont contemporains: la plage d'Apúlia, fréquentée depuis le deuxième quart du XIX^e siècle par des familles de Barcelos, Braga et Porto, a connu durant la dernière décennie un notable accroissement touristique. En été, la population double, si bien que de nouvelles maisons sont construites et qu'un équipement commercial élémentaire se développe. Les vacanciers sont toutefois en majorité portugais, originaires de Porto, Braga et des bourgs de la région. Ils possèdent ou louent des maisons à Apúlia, car la capacité d'hébergement est réduite. Apúlia reçoit aussi des enfants dans 2 colonies de vacances.

Les perspectives d'avenir sont réduites. Peu d'exploitations agricoles sont viables et on ne discerne pas l'amorce d'une évolution favorable. La demande de terrain à bâtir enlève toujours un peu plus d'espace aux cultures en bordure de mer. Ce terrain est extraordinairement valorisé par la compétition de capitaux offerts par les citadins du Minho et par les émigrants originaires de la région. L'expansion d'un tourisme diffus doit provoquer la diminution du nombre des champs cultivés et garantir des gains accrus à la population résidente, en faisant apparaître des activités complémentaires et en valorisant, en été, une partie de la production. La concurrence de Póvoa de Varzim et de Fão limite cependant l'urbanisation, car ces deux plages voisines attirent initiatives et crédits. Il est donc probable qu'Apúlia ne se transformera jamais en un grand centre touristique.

SUMMARY

Rural Life in Apúlia. The fields of Apúlia are located on the old sea-platform of the littoral Minho region, between the fields of Póvoa de Varzim, to the south, and the mouth of the Cávado, to the north. Both in origin and forms they are similar to those of the Ribeira do Minho — *Campo-Prado* (field-meadows) — as well as those of the

sandy areas of late colonization on the northwest littoral, dug out of the dunes and fertilized with seaweeds (*sargaço*) and crabs (*pilado*-kind of small crab used as manure). The development of systems of cultivation is conditioned by the topography and sandy quality of the soil, the mildness of the winters and the high relative humidity of the air during the summer, the coastal profusion of seaweeds, the fall in population and the close proximity of urban markets which consume the early vegetables grown in the fields dug out of the dunes, and the proximity of the level of watersheets where microclimas suitable for the cultivation of delicate plants are to be found. Thus different types of agrarian landscape evolve in the sandy soils and the black soils: in one area of the former and in the lastmentioned the «table-land fields» predominate, enclosed by hedges of shrubs or stone walls whose forms are geometrical and whose morphology is characterised by long agricultural strips. On the sandy soils of the dunes, fields dug out in trough-form are common and are also of geometrical form.

However, they are by no means as long. In those fields of black soil, maize is the predominant crop, interspersed with beans and vegetable-marrows, which alternate with meadows. In the fields of sandy soils, one finds horticultural farming: potatoes and carrots, onions, greens, etc. Meanwhile, it is for the growing of potatoes that one sets aside almost the whole of the *sargaço*. Moreover, it is, together with onions, the leading export product in the area. However, the variety of vegetables sold in the summer is large, as much so in the markets of Apúlia as in the weekly fairs of the nearby towns to which these products are taken, on the heads of the rural women, in ex-carts, and, more recently, in lorries.

The intensification of agricultural systems is found in smallholdings, which are considerably subdivided and dispersed, worked by families to whom the land either belongs, or, in some cases is leased from the owners who have emigrated to the cities or abroad, or who quite simply live too far from the property. In this way, profit is minimal and this is insufficient to retain any positive demographic balance, as has been seen throughout the Minho region, especially in the 1960's, following the opening to Portuguese emigrants of the French and German labour markets. However, in the past, Apúlia's emigration was particularly in the direction of Brazil. A large part of the economic development of Apúlia is due to this current, 'supported by the letting to holidaymakers of houses which were built with earnings saved by emigrants whilst abroad. In effect, the successes of recent emigration and tourist development have been simultaneous—the beach of Apúlia, visited in the 1850's by families from Barcelos, Braga, and Porto, has, in the last decade, enjoyed a considerable increase in clientele, which, in summer, doubles the population resident in the zone of the Areia and which has led to the building of houses and the setting up basic commercial units and services. But these are essentially Portuguese holidaymakers, living in Porto, Braga, or the small towns of the region, who own or rent houses in Apúlia, as the capacity of



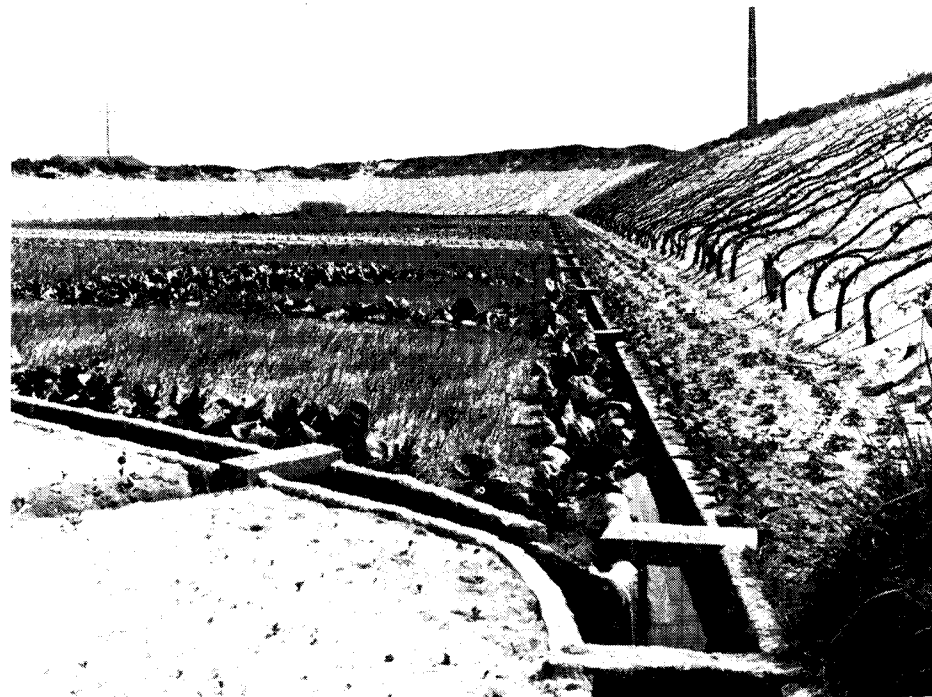
EST. I, A -- Sargaceiros, envergando a típica branqueta, com alguns aprestos para recolha e transporte do sargaço.



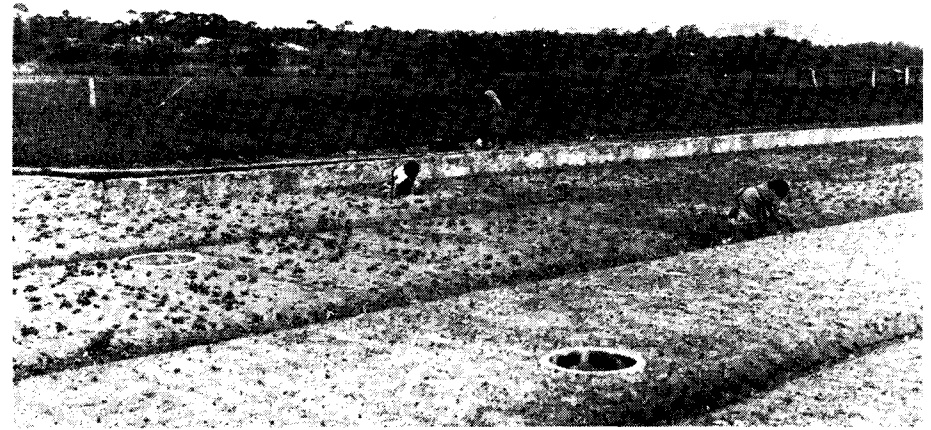
EST. I, B -- As algas são estendidas a secar no vasto areal que se alisou com a graveta.



EST. II, A — «Campo em gamela» com leiras já ocupadas por cultura hortícola e outras prontas a receber sargaço. Ao longo dos «moios» estende-se a vinha.



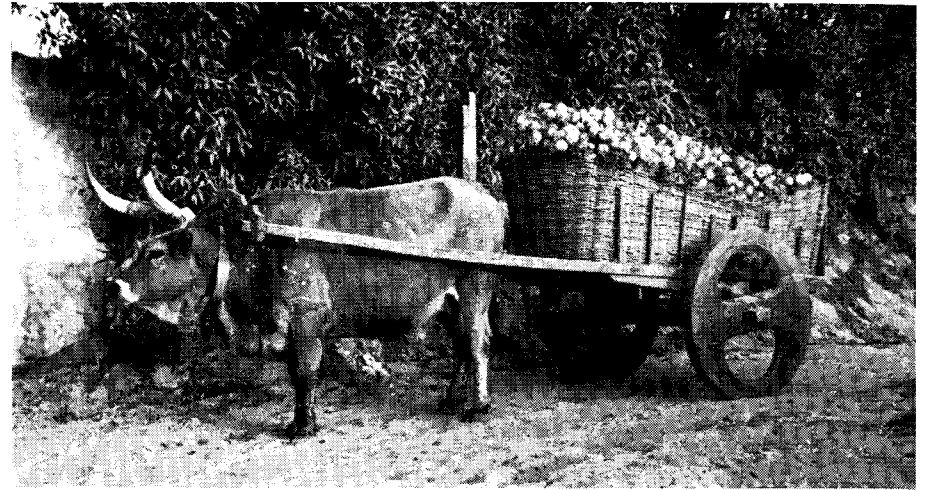
EST. II, B — «Campo em gamela»: sangradouros; leiras de cebolinho rodeadas de couves; batatal; vinha.



EST. III, A -- A primeira sacha da batata nas areias. Ao fundo, um campo de centeio.



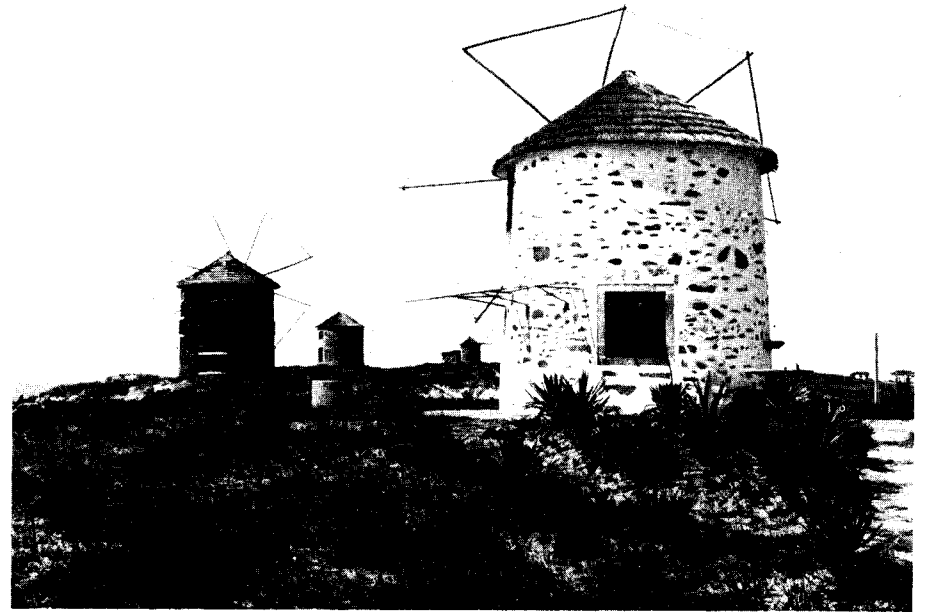
EST. III, B -- Seareiras preparando a cenoura dum campo em masseira, para o mercado. As batatas do cesto aguardam o momento de serem cortadas em pedaços para transplantação.



EST. IV, A -- As cebolas são conduzidas em carros de caniço para as feiras das vilas próximas.



EST. IV, B -- As seareiras vendem os produtos hortícolas aos veraneantes, no mercado de Verão da Apúlia.



EST. V, A — Grupo de moinhos transformados em habitações secundárias.



EST. V, B -- Encantadora moradia de veraneio, no meio do pinhal, a norte de Pedrinhas.

hotels is very limited; or else children housed in the two holiday camps. The prospects do not appear very favourable. Few farmholdings are viable and one sees no tendencies towards positive development. The search for building land robs more and more littoral plots of agricultural production. These plots are very costly, due to the convergence of urban capital from the Minho and from emigrants of this region. The growth of a dispersed tourism will contribute to the reduction in cultivated fields, whilst promising incomes for the resident population, through the engagement in ancillary activities and the increased summer value of a part of production. The proximity of Póvoa de Varzim and Fão, will, however, limit urbanization through the polarization of different projects and credits. Apúlia does not look as though it will develop as a tourist centre of any considerable size, or number of facilities.